

Capítulo VI

CONCLUSÃO

A análise do percurso literário que se estende desde o *Cancioneiro geral* até à poesia religiosa de inspiração petrarquista justifica plenamente o uso da designação petrarquismo português. Se, por um lado, a vitalidade do substrato cortesanesco não favoreceu uma modelização imediata do código petrarquista, por outro lado, o processo de maturação à luz do qual foi feita a sua recriação, a partir de fenómenos de interferência sígnica muito complexos, deixou uma escassa margem de incidência à hipercodificação normativa. Lembre-se, ademais, que a rapidez com que o fulgor renascentista se esvaiu, para dar lugar à visão de desengano própria do Maneirismo, fez com que o momento em que o domínio do código petrarquista se afirmou com segurança coincidissem com o momento em que o lirismo português se abriu à expressão de temas cuja intensidade propiciou uma modelização em sentido transformativo e pessoalizado. A expressão petrarquismo português justifica-se, pois, através das páginas do itinerário descrito.

Aliás, esta dissertação foi concebida enquanto percurso, o que relativiza a razão de ser de qualquer conclusão fechada sobre si mesma, na medida em que um percurso vale enquanto sucessão dos vários momentos que o compõem. Mas se tais observações se tornam pertinentes com referência a todo o tipo de trabalho científico concebido sob esta perspectiva, são-no, muito particularmente, quando está em causa o tema do petrarquismo.

A mais antiga representação iconográfica da fonte de Vaucluse desenhada por um peregrino do *incolatus* de Petrarca, Francisco de Holanda, conforme foi analisada e reproduzida nas páginas iniciais, emblematiza, de um modo sintomático, o carácter inesgotável dessa

dinâmica. O jorro das águas puras brota ininterrupto, para se oferecer a todos aqueles que partilham da condição de “riverains de la Sorgue” — citando o título de um poema de René Char¹ escrito no dia em que o primeiro satélite foi lançado no espaço.

Isabel de Este, Beccadelli, Tebaldeo, Alamanni. Francisco de Holanda. René Char, Vieira da Silva. Aos destinatários da epístola *Posteritati*, vêm-se juntar os destinatários do texto que Char dirige *Aux riverains de la Sorgue*. Assim ficam abertas as portas de um universo que não conhece limites, entre a descoberta do Homem Moderno e a descoberta de outros Espaços.

As observações de Piero Bigongiari acerca da relação entre a obra de René Char e a fonte Vaucluse mostram-se, a este propósito, muito pertinentes, em particular pelo que diz respeito às implicações da ideia de *Retour amont*, título da colectânea de poemas ilustrada por Alberto Giacometti em 1965. Segundo Bigongiari, a poesia nasce quando “[...] l’eau parlante de l’abîme” “[...] est touchée par la verge de la parole”², que é dizer, quando a água, ao brotar do bloco rochoso que a retém e a liberta, é purificada pelo seu oposto, a pedra. Nessa voluta, centro e periferia alternam-se constantemente, de tal modo que o confirm se faz ponto de partida de cada movimento, numa corrente incessante.

Volvidos que são mais de seis séculos após o nascimento do vate, continua a ser esse o sentido de toda a poesia escrita ao longo das sendas que rasgou. A incomensurabilidade da sombra de Petrarca está, pois, para as capacidades projectivas inerentes à sua própria obra e ao método que criou.

Bigongiari recorda que *Retour amont* nasceu numa peregrinação literária à fonte de Vaucluse efectuada por Char, em companhia dele próprio e de Vittorio Sereni, em meados da década de sessenta. A essa data, já Vieira da Silva tinha traduzido em imagens um significativo número de textos de René Char. O poeta provençal conhecera a pintora em 1953. Desta amizade intelectual, resultou a ilustração de uma série de poemas que foi dada a conhecer, além do mais, através da edição de *L’inclémence lointaine*, em 1961, e, mais tarde, graças à exposição

¹ *Aux riverains de la Sorgue: Les matinaux suivi de La parole en archipel*. Paris, Gallimard, 1981, p. 200. René Char nasceu na Isle-sur-Sorgue em 1907. Participou no movimento surrealista e colaborou na Resistência. Na sua obra, as referências à paisagem de Vaucluse são uma constante.

² P. Bigongiari, “Retour amont”: *Europe*, 705-706, 1988, p. 64.

organizada em 1987 pelo Musée Pétrarque, Fontaine-de-Vaucluse. Em 1955, Char, por sua vez, dirigira a Vieira da Silva um belíssimo conjunto de textos intitulado *Sept merci*, que depois foi alargado a *Neuf merci pour Vieira da Silva. Résolutions irrésolues* é o título de uma das telas da pintora que Char admira particularmente, em virtude dos objectivos que a inspiram, pintar “avec toutes les contradictions”³.

“Été, rivière, espaces amants dissimulés, toute une lune d’eau, la fauvette répète: ‘Libre, libre, libre, libre ...’” — assim termina o nono e último desses *Merci, La fauvette des roseaux*⁴. “Loco beato”.

³ R. Char: *Exposition. L’inclémence lointaine, poèmes par René Char illustrés par Vieira da Silva. Manuscrits, livres, estampes de Georges Braques, Francesca Chandron, Alberto Giacometti, sculpture Albert Hirsch*. Musée Pétrarque, Fontaine-de-Vaucluse, 1987, p. 7.

⁴ *Les matinaux suivi de La parole en archipel*, p. 160.